

LITURATERRA [2023, 2]

Rediscutindo a história das ilhas no Antigo Regime

DOI: 10.15175/1984-2503-202315209

Cezar Honorato*

Raphael Castelo Branco da Silva**

LITURATERRA [Resenha: 2023, 2]

As resenhas, passagens literárias e passagens estéticas em *Passagens: Revista Internacional de História Política e Cultura Jurídica* são editadas na seção cujo título apropriado é LITURATERRA. Trata-se de um neologismo criado por Jacques Lacan,¹ para dar conta dos múltiplos efeitos inscritos nos deslizamentos semânticos e jogos de palavras tomando como ponto de partida o equívoco de James Joyce quando desliza de *letter* (letra/carta) para *litter* (lixo), para não dizer das referências a *Lino*, *litura*, *liturarios* para falar de história política, do Papa que sucedeu ao primeiro (Pedro), da cultura da terra, de estética, direito, literatura, inclusive jurídicas – canônicas e não canônicas – ainda e quando tais expressões se pretendam distantes daquelas religiosas, dogmáticas, fundamentalistas, para significar apenas dominantes ou hegemônicas.

LITURATERRA [Reseña: 2023, 2]

Las reseñas, incursiones literarias y pasajes estéticos en *Passagens: Revista Internacional de Historia Política y Cultura Jurídica* son publicadas en una sección apropiadamente titulada LITURATERRA. Se trata de un neologismo creado por Jacques Lacan para dar cuenta de los múltiples efectos introducidos en los giros semánticos y juegos de palabras que toman como punto de partida el equívoco de James Joyce cuando pasa de *letter* (letra/carta) a *litter* (basura), sin olvidar las referencias a *Lino*, *litura*, *liturarios* para hablar de historia política, del Papa que sucedió al primero (Pedro), de la cultura de la *terre* (tierra), de estética, de derecho, de

* Doutorado em História Econômica pela Universidade de São Paulo. Professor Titular em História Econômica e Social do Instituto de História da Universidade Federal Fluminense. E-mail: cezarhonorato@id.uff.br.

<http://lattes.cnpq.br/1850505747754574>. <https://orcid.org/0000-0003-4212-7395>

** Doutorando em História Contemporânea III pela Universidade Federal Fluminense. E-mail:

raphael.castelo.branco.da.silva@gmail.com. <http://lattes.cnpq.br/7682094533804324>.

<https://orcid.org/0009-0005-0005-0782>

¹ LACAN, Jacques. *Outros Escritos*. Tradução de Vera Ribeiro; versão final Angelina Harari e Marcus André Vieira; preparação de texto André Telles. Rio de Janeiro: J. Zahar, 2003. p. 11-25; LACAN, Jacques. *Autres Écrits*. Paris: Seuil, 2001.

Recebido em 16 de março e aprovado para publicação em 8 de maio de 2023.

literatura, hasta jurídica - canónica y no canónica. Se da prioridad a las contribuciones distantes de expresiones religiosas, dogmáticas o fundamentalistas, para no decir dominantes o hegemónicas.

LITURATERRA [Review: 2023, 2]

The reviews, literary passages and esthetic passages in *Passagens: International Journal of Political History and Legal Culture* are published in a section entitled LITURATERRA [Lituraterre]. This neologism was created by Jacques Lacan, to refer to the multiple effects present in semantic slips and word plays, taking James Joyce's slip in using *letter* for *litter* as a starting point, not to mention the references to *Lino*, *litura* and *liturarius* in referring to political history, to the Pope to have succeeded the first (Peter); the culture of the *terra* [earth], aesthetics, law, literature, as well as the legal references – both canonical and non-canonical – when such expressions are distanced from those which are religious, dogmatic or fundamentalist, merely meaning 'dominant' or 'hegemonic'.

LITURATERRA [Compte rendu: 2023, 2]

Les comptes rendus, les incursions littéraires et les considérations esthétiques *Passagens. Revue Internationale d'Histoire Politique et de Culture Juridique* sont publiés dans une section au titre on ne peut plus approprié, LITURATERRA. Il s'agit d'un néologisme proposé par Jacques Lacan pour rendre compte des multiples effets inscrits dans les glissements sémantiques et les jeux de mots, avec comme point de départ l'équivoque de James Joyce lorsqu'il passe de *letter* (lettre) à *litter* (détritus), sans oublier les références à *Lino*, *litura* et *liturarius* pour parler d'histoire politique, du Pape qui a succédé à Pierre, de la culture de la terre, d'esthétique, de droit, de littérature, y compris juridique – canonique et non canonique. Nous privilégierons les contributions distantes des expressions religieuses, dogmatiques ou fondamentalistes, pour ne pas dire dominantes ou hégémoniques.

文字国 [图书梗概: 2023, 2]

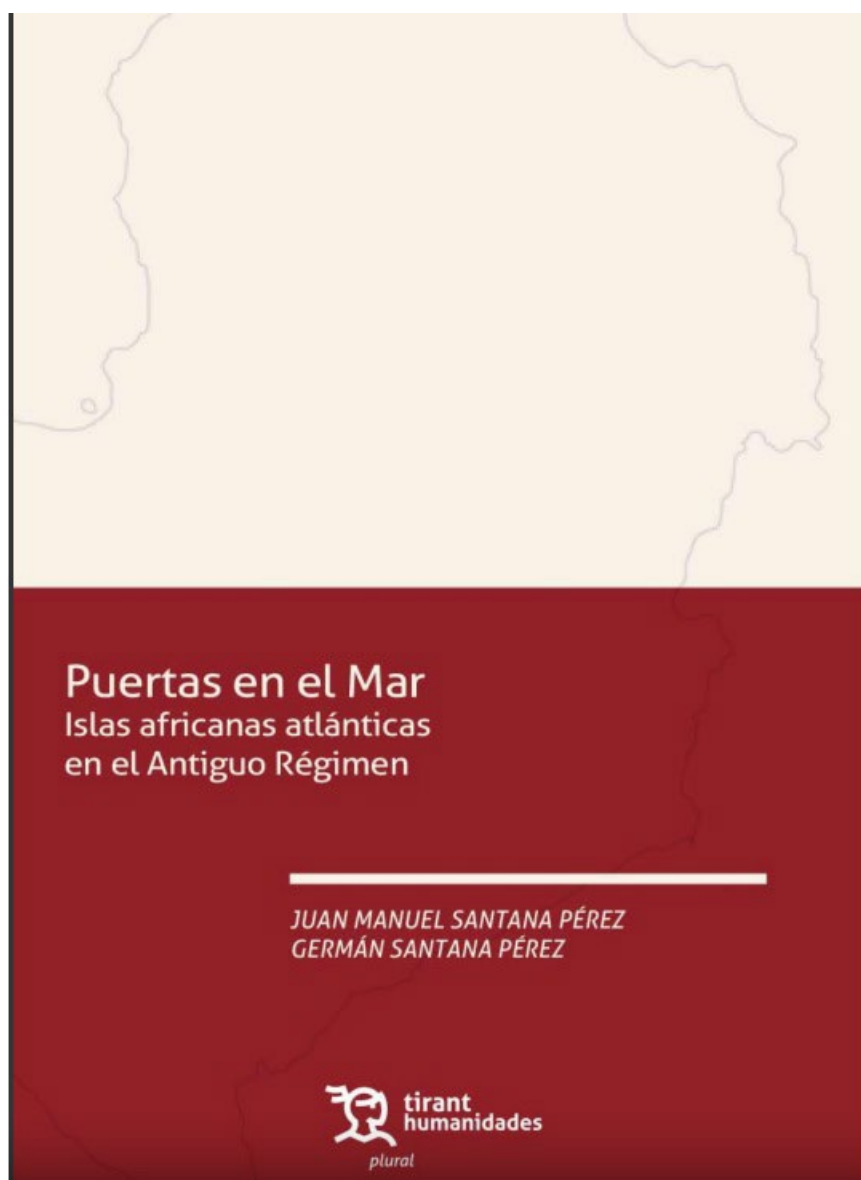
Passagens 电子杂志在“文字国”专栏刊登一些图书梗概和文学随笔。PASSAGENS— 国际政治历史和法学文化电子杂志开通了“文字国” 专栏。“文字国” 是法国哲学家雅克·拉孔的发明，包涵了语义扩散，文字游戏，从爱尔兰作家詹姆斯·乔伊斯的笔误开始，乔伊斯把letter (字母/信函)写成了litter (垃圾)，拉孔举例了其 他文字游戏和笔误，lino, litura, liturarios, 谈到了政治历史，关于第二个教皇(第一个教皇是耶稣的大弟子彼得)，关于土地的文化 [Cultura一词多义，可翻译成文化，也可翻译成农作物]，拉孔联系到美学，法学，文学，包括司法学— 古典法和非古典法，然后从经典文本延伸到宗教，教条，原教旨主义，意思是指那些占主导地位的或霸权地位的事物。

Rediscutindo a história das ilhas no Antigo Regime

Cezar Honorato

Raphael Castelo Branco da Silva

SANTANA PEREZ, Juan; SANTANA PEREZ, Germán. *Puertas en el mar: islas africanas atlánticas en el Antiguo Régimen*. Valence: Tirant Lo Blanche, 2022.



É com prazer que apresentamos aos leitores a resenha do livro *Puertas en el mar: Islas Africanas Atlánticas en el Antiguo Régimen* dos historiadores Juan Santana Pérez e Germán Santana Pérez, lançado em 2022 na Espanha, pela editora Tirant Lo Blanche. O presente livro é um desdobramento do projeto “Islas del atlántico medio – Canarias plataforma de generación y difusión de la atlanticidad”.

Nesse sentido, o livro propõe-se a apresentar um novo olhar sobre as ilhas, com aportes teóricos bastante originais, especialmente se considerarmos as lacunas referentes às ilhas atlânticas na época moderna num quadro da expansão europeia especialmente se considerarmos a importância logística e produtiva para o domínio europeu da África Ocidental

Quais fatores importaram? A localização? As técnicas? O comércio? Ou uma busca de articulação de todos esses condicionantes? São dúvidas que o livro busca responder. O trabalho, portanto, contribui imensamente nas investigações sobre o tema com o objetivo de mitigar os silêncios e esquecimentos da historiografia sobre as ilhas da África Ocidental e as consequências de encontros e desencontros ao redor do vasto Oceano Atlântico.

No capítulo 1, de introdução, os autores partem de uma sólida tradição baseada na Escola dos Annales, e procuram escrever uma história global, distanciando-se de uma historiografia historicista que permeou as primeiras análises sobre o tema. Para isso, utilizam-se das mais variadas fontes para analisar as características das distintas formações sociais para então compará-las. A perspectiva fundamental dos autores é de perceber a ilha como um território que está integrado não só ao continente, mas também a outras ilhas, por vezes formando redes.

Uma ilha nunca é igual a outra! Sua integração com o continente também não apresenta uma fórmula exata e constante. Este é um dos motivos que levaram os autores a afirmar que os estudos insulares estimulam a comparação, e que os dados recolhidos não corroboram a tese de que a ilha é um espaço de isolamento.

Como os autores apontam na página 15:

A hipótese central é de que a evolução das ilhas africanas do Atlântico possui uma série de aspectos similares que são produto de sua localização na formação da economia-mundo capitalista e na divisão internacional do trabalho que se estabelece durante o Antigo Regime. Cremos ser relevante tratar estas ilhas como espaços de fronteira em distintos âmbitos (econômico, político, social, cultural) durante a Idade Moderna. Também esperamos demonstrar a importância destas ilhas no desenvolvimento histórico da Europa, África e América.

A insula conecta-se a península, o continente. Mas como compreender a interação entre eles? A proposta apresentada é a de, primeiro, investigar o próprio significado do que

é uma ilha e o que leva uma formação geográfica a ser identificada como tal. Neste sentido, desenvolvem e analisam os múltiplos conceitos de ilha que foram forjados ao longo dos séculos: das línguas clássicas às neolatinas, os autores demonstraram que é fundamental para o historiador realizar uma análise semântica dos significados possíveis da palavra “ilha”, em diversos idiomas, exibindo o poder de transformação dos significados no transcorrer do tempo. O entendimento desses movimentos é basilar para a análise de fontes.

O texto reforça a necessidade de focalizar o olhar para a papel desempenhado pelo comércio na transição feudal-capitalista como peça-chave para o entendimento da relação dialética entre as ilhas e o continente, ou entre um conjunto de ilhas da África Ocidental. Com destaque para as existentes na Macaronésia. Nesta mesma linha, salientam que a estrutura social da Europa Atlântica moderna é herdeira da Idade Média. Portanto, foi transportada para um território fragmentado (as ilhas) num processo de conflito e adaptação à nova realidade.

No capítulo 2, dedicado às fontes, encontramos uma utilização de vasta e variada documentação originárias de 7 países tanto europeus como africanos. Os autores visitaram os seguintes fundos documentais: Arquivo Nacional de Cabo Verde, Arquivo Histórico de São Tomé, Arquivo Regional de Madeira, Arquivo Histórico Ultramarino, Arquivo Nacional Torre do Tombo, Biblioteca Nacional da Ajuda, Arquivo Histórico Provincial de Las Palmas, Arquivo do Museu Canario, Arquivo do Cabildo Catedral de Las Palmas, Arquivo de Aziaçázar, Arquivo Histórico Provincial de Santa Cruz de Tenerife, Arquivo Municipal de La Laguna, Arquivo Municipal de Santa Cruz de Tenerife, Arquivo da Real Sociedade Económica dos Amigos do País de Tenerife, biblioteca da Universidade de La Laguna, Arquivo Histórico Insular de La Palma, Arquivo Geral das Índias de Sevilla, Arquivo da Real Academia de História de Madrid, entre muitos outros... Utilizaram fontes manuscritas e impressas através de coleções e compilações depositadas em arquivos, bibliotecas e na Internet, além de textos filosóficos e literários que debatiam o tema. A volumetria e a qualidade da documentação utilizada é um dos grandes destaques do livro.

O estado atual da historiografia é o centro da preocupação do capítulo 3 no qual temos o aprofundamento de questões relacionadas à ideia de sistema atlântico. A influência de Frederic Mauro, Pierre Chaunu e Fernand Braudel é fundamental para a percepção de que tanto no caso específico, como no geral, a ilha é integrada ao continente e cabe ao historiador pesquisar o processo e a consolidação dessa integração.

A historiografia do século XIX buscava destacar as Ilhas como singulares e isoladas, enquanto a historiografia do século XX, timidamente, tentou romper com tais barreiras. Merece destaque o papel dos novos olhares presentes no I Colóquio Internacional de História Marítima de 1956, realizado em Paris sob direção de Michel Mollat, que embebidos de influência da Escola dos Annales, procuravam compreender a atividade econômica que ocorria no Mar.

No capítulo 4, caracterização do meio natural para a identificação das características comuns das ilhas estudadas. Na aproximação com a História Ambiental os autores buscaram compreender a influência da Natureza em processos de desenvolvimento econômico e seus impactos, tendo como referência as características físicas da Ilha da Madeira, das Islas Selvajes, das Canarias, de Cabo Verde e do Golfo da Guiné, bem como das formas de utilização de suas características naturais para a expansão europeia na região.

Sobre este meio natural, o que seria a ilha como entidade conceitual da Natureza? Os autores de certo modo discutem em conjunto com o capítulo seguinte sobre o marco teórico, apresentando os múltiplos caminhos percorridos. Apresenta-se a Nesologia, que foi uma tentativa de estudo científico das ilhas, e também alertam sobre os perigos do “egoilhismo”, que seria o foco exacerbado na ilha esquecendo as interações com o sistema econômico, e como a Natureza influencia a ocupação do Território. O oceano – tão comparado ao deserto até mesmo na tradição bíblica – ganha uma nova interpretação, como uma arena onde ocorrem trocas econômicas, uma intensa circulação de ideias, e um processo pujante de construção e (re)construção de toda uma formação social.

No capítulo 5, o livro retoma a discussão do marco teórico com destaque para a historiografia da Península Ibérica. No caso espanhol, um grande impacto ocorreu na X reunião da Fundação Espanhola de História Moderna, que abarcou a temática e deu origem a dois tomos como resultado de pesquisa, mas os estudos sobre ilhas avançaram pouco, o que felizmente vem se modificando.

Já em Portugal, houve um boom de estudos sobre as ilhas após a queda do Salazarismo. Destacam três conceitos de Armitage, a história circunatlântica, como história transnacional de uma zona identificável de trocas e intercâmbios, a história transatlântica, que seria a história comparada, e a história cisatlântica, que é a história regional em um contexto atlântico.

O capítulo 6 versa sobre a ocupação dos “oásis em um mar tenebroso”, demonstra que as ilhas repetem alguns padrões, mas possuem suas especificidades. O descobrimento, por parte dos europeus, deu-se no processo de expansão ultramarina e

que nos processos de ocupação as referidas ilhas cumpriram “funções estratégicas” sobre a projeção ibérica no norte da África: não era necessário apenas ocupar, mas manter sob seu domínio um território distante.

Dando continuidade aos princípios do capítulo anterior, no 7, os autores se dedicam a analisar os cultivos centrais de exportação, os quais ficam nítidas as características das ilhas e o condicionamento das questões climáticas. Os plantios variaram ao longo do tempo e, com isso, certos produtos tiveram uma ascensão e queda.

O capítulo 8, chamado “frutos do oceano”, explica a exploração do “mar que nos rodeia”. A ideia de “frutos do mar” já demonstra, em si, a ideia de colheita, muito semelhante ao que se faz na terra. Para entender a pesca, são apontadas questões como correntes marítimas e o clima, que muitas vezes passam despercebidos nos estudos existentes. Captura, consumo e comércio daquilo que o mar oferece aos exploradores fazem parte de uma dinâmica própria das ilhas. Também se reflete sobre como conservar esses frutos do mar, para o consumo e o comércio, discorrendo sobre as respectivas tecnologias.

O capítulo 9, sobre o comércio, ao nosso ver, é um dos principais do livro. Reflete como ocorreu a conexão entre as ilhas e o continente através da circulação de mercadorias e os mercados flutuantes das ilhas, e suas relações não só com a Península Ibérica, mas também com outros países, como a Inglaterra.

O capítulo 10, sobre a sociedade surgida nas ilhas, reflete-se a construção das formações sociais locais. As relações de classe, estudadas pela ótica thompsoniana, são minuciosamente desvendadas. Como expresso de forma sintética na página 218, existia “um reduzido mundo de ricos contrapostos a um extenso mundo de pobres”. A dinâmica de imigração para as ilhas no início da ocupação, sendo seguida pelo movimento de emigração por motivos variados, são também investigados. Por fim, concluem, na página 224, que “as formações sociais dos arquipélagos atlânticos africanos foram peculiares e diferentes umas das outras”.

O capítulo 11 versa sobre a questão da administração e defesa, por parte de Portugal e Espanha, das ilhas africanas. Estuda-se como formou-se o sistema de administração da invasão e ocupação das ilhas e a organização de seu sistema fiscal. Por estarem sob constante mira de outros países os ataques não eram isolados se manifestando também nas tentativas e reflexos do declínio do poder ibérico na região e na forma como o poder ibérico tratou a questão dos piratas e corsários, abundantes na região.

Por fim, fechando o livro, encontramos as reflexões sobre como foram imaginadas as ilhas nas fontes literárias e filosóficas. A mudança das leituras deu-se ao longo do tempo.

De Paraíso cristão ao inferno atlântico. O mar – e as ilhas –, se era visto como fonte de riqueza e aventuras também o era o local dos “monstros”.

É muito importante que historiadores brasileiros conheçam o livro. Como há tantos silêncios na historiografia Ibérica sobre o tema, que a divulgação do texto em terras brasileiras, com uma futura tradução, sirva para despertar o interesse de brasileiros e brasileiras que queiram se debruçar sobre o tema, contribuindo com um capítulo de uma história que, lentamente, está sendo escrita: a História Atlântica.

Finalmente, merece destaque a forma bastante original como os autores utilizam tanto o referencial teórico proveniente dos clássicos da historiografia, como Fernand Braudel e os demais defensores da economia mundo com a perspectiva crítica advinda do melhor do marxismo, inclusive Antonio Gramsci.